

A relação da escrita com a memória sobrepõe, na leitura, textos de Fernando Pessoa e de Maria Gabriela Llansol. Por aí se dão os

Encontros improváveis

**Silvina Rodrigues
Lopes**

«Ninguém compreende o outro. Somos, como disse o poeta, ilhas no mar da vida; corre entre nós o mar que nos define e separa. Por mais que uma alma se esforce por saber o que é outra alma, não saberá senão o que lhe diga uma palavra — sombra disforme no chão do seu entendimento» (f. 433 do Livro do Desassossego).

existido.» (p. 64) Podemos pensar que esta necessidade se deve ao esquecimento de Pessoa praticado em nome do Nome, isto é, por uma memória do memorável, uma apropriação que nunca pode deixar de ser o eliminar, ou assimilar, do que está a mais, o «dispensável», o inútil. Necessidade de prova sem prova, como de argumentação sem conceito, é esse o movimento do encontro. Não sei se é a necessidade de prova que conduz ao encontro improvável entre Bach e Aossé («precisava de alterar a ordem das letras do nome de Pessoa para fazê-lo invioluir, arrancá-lo ao hábito inveterado que tinha dele» — p. 94).

Julgo saber que em Maria Gabriela Llansol o encontro é o modo da alteração, o movimento para o outro que dispõe à multiplicidade das vozes: nenhuma figura existe em si, mas no meio, de outros corpos, vozes, outras forças que a deformam de «ali-mesmo», dir-se-ia. E ali-mesmo são os intervalos da realidade, Lisboaleipzig, por ex., o improvável lugar da poesia e da música, que pertence a um mapa onde a realidade é pretexto de passagem, sinalização de um desejo: «Passa ave, passa e ensina-me a passar.» Sim, porque desconhecendo, activamente, as identidades culturais, a escrita dá a pensar os mais surpreendentes encontros. O encontro aparece como um nó fundamental de onde partem todos os pensamentos sobre a escrita. Lembremo-nos de uma nassagem do



vividu. A oposição entre a vida e a arte, tão insistente em Fernando Pessoa, corresponde a uma oposição entre uma vida que se esgota em si mesma (na sua naturalidade de ser para a morte) e um sobreviver que é dizer-se (para além da morte), desdobrar-se em palavras («Mover-se é viver, dizer-se é sobreviver») e figuras, memórias: «Sofri em mim, comigo, as aspirações de todas as eras, e comigo passearam, à beira ou-

O que representa Fernando Pessoa para os estudantes do Ensino Secundário? Uma professora da Escola Padre António Vieira, de Lisboa, conta a sua experiência



DOSSIER

Poeta, magro, bigode, óculos, cara chupada...

Maria José Ferraz

Fernando Pessoa é um dos símbolos a que o Povo Português se agarra para sentir que é grande. Só que Pessoa foi realmente grande.

Um aluno do PAV

— Diga, menino, que sabe de Fernando Pessoa?

E a pergunta bate nas paredes da sala de aula. Assim feita ou de outro modo, que o sentido é sempre o mesmo. Diferentes, múltiplos, são as respostas dos que a ouvem, tantas e tão variadas quantas as formas como o nome do poeta, o poeta, entrou — ou ainda não — nos saberes adquiridos.

Pessoa? Um nome que nada diz ou que diz inovação, beleza, entrevistas e programas chatos na TV. Um rosto, uma Fisionomia Bastante Cômica. Um escritor situado num tempo. Um poeta. Um grande poeta. Uma das maiores figuras literárias do País. Ou... um escritor que eu evito visto eu não gostar de nada do que é escrito em Português...

Pessoa: nome de pessoa visto por fora sem nada dentro. Os depoimentos dos que das coisas, de certas coisas, têm um conhecimento que não é de leituras feito. Dos que apenas ouviram falar de. Pela fama.

Crime de lesa-cultura? De quem? daqueles que seleccionam o que deve ou não deve ser aprendido? Daquelles que educam — ou querem educar — o gosto dos outros medido pela bitola do gosto próprio? Isso ou os textos quando escritos não são para todos? Ou são para todos quando.

E quando são, esses textos, os de Pessoa, trazidos ao convívio dos que convivem nas salas de aula, então Pessoa é poeta, magro, bigode, óculos, cara chupada... pessoa em Pessoa. É poeta-jogador de palavras. A magia das palavras a brotar. Um actor ímpar na literatura modernista portuguesa. É actor só, com diversas personagens para o mesmo papel — a procura do absoluto. Ou o nome que provoca o desejo de ler Fernando Pessoa, de sentir Alberto Caeiro, de entender Álvaro de Campos. É um génio, uma personalidade dividida. São os heterónimos e os heterónimos somos nós: Álvaro de Campos quando o progresso nos maravilha ou Caeiro quando é a natureza que seduz, ou Ricardo Reis quando se tenta viver epicurísticamente. Um poeta múltiplo, incompreendido, inadaptado.

Há quem sinta tristeza, melancolia, quando escreve o nome. Se sinta tentada a saber mais quando lê poemas, indignada quando escolheu uma data limite para comemorá-lo ou quando põem o seu nome em cartazes. Ou quando fazem, utilizando o seu rosto, anúncios a um qualquer café.

Estas são palavras já não apenas sobre um nome mas palavras sobre palavras, lidas, entendidas, as palavras do poeta múltiplo, apreciado. São resultantes já do gosto despertado pela beleza dos versos construídos, pela música só, murmúrio de quem embala. A descoberta, com Pessoa, da expressão múltipla — e todavia uma — de pensar e sentir o Universo.

O que ficará de Pessoa quando o eco das vozes destes alunos emudecer nas salas de aula? Bola branca que desaparece pelas costas abaixo ou o sonho de um porto infinito, com mar de porto transparente, uma estrada nítida e calma para novas paisagens — textos que não houve tempo para ler, de Pessoa ele próprio e dos outros?

Nota: Foram alguns alunos do PAV, a quem agradeço, que responderam a uma variante da tal pergunta. Uns não cumpriram ainda os programas que obrigam os alunos a estudar Pessoa (perdão: textos de Pessoa).

Eventualmente poderam (?) ler algum poema incluído na selecta que na Escola foi escolhida entre as muitas que o mercado oferece. Escolhida para eles, outros obrigatoriamente leram textos de Pessoa. Poderam, quiseram e interessaram-se pelo que a Escola pro(im)põe. Ainda bem que leram.

JORNAL DE LETRAS
14/06/1988



JORNAL DE LETRAS
14/06/1988